



O ENSINO DE GEOGRAFIA E A LUTA EM DEFESA DO TERRITÓRIO: uma análise feita a partir da Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonetto no município de Moju - Pará

Dayane Érica Cardoso Ribeiro
Universidade Federal do Pará

Resumo

A luta por educação de qualidade na Amazônia perpassa gerações, onde ao longo do tempo a disputa pela terra e a garantia de se reproduzir socialmente, economicamente e culturalmente na terra tem se intensificado, desta forma, cabe ressaltar que durante este período marcado pela resistência das comunidades tradicionais, houveram conquistas de mecanismos capazes de atender estas comunidades de acordo com as suas especificidade. Dentre estas, destaca-se a educação do campo, delineada a partir da teoria de Paulo Freire e que concebe o aluno como protagonista na construção de metodologias e práticas do seu ensino, pautando o respeito ao conhecimento produzido culturalmente, fomentando uma observação aprofundada para o que chamamos de conhecimento empírico e como a sua valorização no ambiente escolar pode ser um fator relevante no que diz respeito a formação política do aluno, assim como um elo entre comunidade e escola, posteriormente podendo refletir na permanência do aluno na escola. Desta forma o presente artigo tem como objetivo analisar o processo ensino-aprendizagem de Geografia na escola Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonetto, localizada na área rural do município de Moju-Pará.

Palavras-chave: Educação do campo; Ensino de Geografia; Resistência.

THE TEACHING OF GEOGRAPHY AND THE STRUGGLE IN DEFENSE OF THE TERRITORY: an analysis made from the Rural Family Home Padre Sergio Tonetto in the municipality of Moju - Pará

Abstract

The struggle for quality education in the Amazon goes through generations, where over time the struggle for land and the guarantee of reproducing socially, economically and culturally on the earth has intensified, so it is worth emphasizing that during this period marked by the resistance of

traditional communities, there were achievements of mechanisms capable of serving the traditional communities according to their specificity. Among them is the education of the field, which is delineated from Paulo Freire's theory, which treats the student as a protagonist in the construction of methodologies and practices of his teaching, guiding the respect for culturally constructed knowledge, fostering an in-depth observation for the which we call empirical knowledge and how its valuation in the school environment can be a relevant factor regarding the political formation of the student, as well as a link between community and school, and can later reflect on the student's permanence in school. In this way the present article aims to analyze the process of teaching learning in the Padre Sergio Tonetto Rural Family Home school, located in the rural area of the municipality of Moju Pará.

Keywords: Field education; Geography Teaching; Resistance.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca analisar o processo ensino-aprendizado de Geografia na Escola Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonetto, localizada na área rural do município de Moju, Pará, mais especificamente no território Quilombola de Jambuaçu. O objeto de análise para elaboração do presente artigo foram as turmas de 6° ao 9° do ensino fundamental, por meio de observação e intervenção durante o desenvolvimento da disciplina Estágio Docente I, momento que foi de grande relevância para que se compreendesse a realidade das escolas do campo, assim como as dificuldades no que se refere ao ensino de Geografia.

No decorrer do Estágio, pode-se notar as mais variadas contradições no que diz respeito à educação do campo, que serão apresentadas no presente trabalho como pontos avaliados enquanto críticos nas políticas adotadas na busca de educar dentro das escolas e como a escola Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonetto se relaciona com o processo de luta que envolve os alunos e como se configura o ensino de Geografia, se dialoga com a realidade vivenciada pelos alunos ou não.

É irrefutável que as comunidades tradicionais (Quilombolas, Ribeirinhos, Extrativistas) no transcorrer dos anos vem lutando por seus territórios e a garantia de se reproduzir social, econômica e culturalmente na/da terra, com isto a busca por ferramentas tanto do campo jurídico como também do popular é permanente no intuito de somar forças, assim como de estabelecer redes de resistência podendo ser externas ou internas aos territórios.

Faz-se necessário compreender os movimentos de resistência existentes dentro de um território para que se possa abarcar a formação sociopolítica dos sujeitos que lá se encontram. Grosso modo, pode-se destacar o papel dos movimentos de resistência na formação dos sujeitos desde a convivência com os costumes e crenças dentro das comunidades até o seu prolongamento no ambiente escolar.

Há uma grande necessidade do professor desenvolver conjuntamente com os alunos práticas de ensino que possam fazer da aula um espaço político e de resistência ao modelo de educação implantado - que, em sua maioria, ainda vê o aluno como sujeito “vazio”, que nada tem a contribuir com o processo ensino-aprendizagem, assim como na participação dos debates que envolve as políticas de ensino pensadas para o mesmo, isto é nada mais do que a continuidade das políticas articuladas de “cima para baixo”. Com isto, ficando exposto aos novos professores um campo fértil para o despertar da importância da disciplina Geografia para o currículo do aluno que busca enfrentar as mazelas impostas pelo sistema.

Desta forma surge-nos uma pergunta: *A Escola Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonetto constitui-se enquanto um espaço de resistência para a manutenção do território de seus alunos?* Buscou-se responder a presente pergunta por meio de trabalho de campo realizado no período do Estágio Docente I, assim como por meio de revisão bibliográfica de autores que escrevem sobre o tema da educação do campo e do ensino de Geografia.

Nessa perspectiva, buscou-se compreender o papel da escola Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonetto, no processo de organização e resistência dos Quilombolas de Jambuaçu. A análise foi feita a partir das observações realizadas no decorrer do Estágio Docente I; entrevistas com perguntas abertas com professores e alunos da escola e atividades que envolveram os alunos no ambiente escolar (aulas, palestras, seminários, oficinas, entre outras), com vista a contribuir com o processo educacional no território Quilombola de Jambuaçu, com base no acúmulo teórico e metodológico adquiridos no decorrer do curso de Geografia.

O Ensino de Geografia

Nas últimas décadas, a educação passou por várias transformações com a finalidade de aprimorar seus métodos e técnicas de ensino, a Geografia por sua vez não poderia ficar de fora, tendo em vista que ela vive em constante transformação e aprimoramento no que se refere ao ensino-aprendizado acerca do espaço geográfico. Entende-se que ao chegar em sala de aula o professor de Geografia deve passar a instigar os alunos a analisarem o papel do ser humano na produção do espaço geográfico, onde por meio de suas relações sociais, culturais e econômicas, assumem a função de agentes produtores do meio em que vive, isto é, como a sociedade, a partir da relação homem/natureza, produz o espaço geográfico, já que é por meio dessas relações que o homem vai transformando o espaço em que vive segundo suas necessidades e interesses.

A escola é, nessa linha de entendimento, um lugar de encontro de culturas, de saberes, de saberes científicos e de saberes cotidianos, ainda que o seu trabalho tenha como referência básica os saberes científicos. A escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares, e a geografia escolar é

uma das mediações pelas quais o encontro e o confronto entre culturas acontecem (CAVALCANTI, 2012: 45).

Nesse contexto, o profissional de Geografia, torna-se, um mediador no processo ensino-aprendizagem, em que o objeto de estudo é o espaço geográfico. Para além disto, deve assumir o compromisso de ser um sujeito em constante construção, buscando sempre inovar suas metodologias com a finalidade de tornar o espaço da sala de aula, um lugar prazeroso, tanto para os alunos como para o próprio professor.

[...] ao lembrarmos das relações que se processam na sociedade é necessário, também, observarmos a atividade dos educadores que se atêm a ensinar como o espaço geográfico é ocupado e como as relações entre os indivíduos interferem na configuração dos lugares. Desse modo, o papel do educador em suas atividades deve direcionar a criticidade dos alunos, de modo que ambos reflitam, diretamente, na capacitação do profissional/cidadão que está sendo formado e como este também agirá nas obras humanas naturais (SILVA, 2013, p.15).

Nesse sentido, destaca-se o momento da aula, como sendo um dos cruciais para a construção do conhecimento, o qual salienta-se como sendo a ocasião propícia para o professor exercer suas atividades de forma a construir juntamente com os alunos, uma educação emancipatória como pressupõe a própria Geografia.

O ensino de Geografia jamais poderá focar somente nas teorias, nos escritos dos livros, faz-se necessário, que cada educador desperte em seus alunos o poder questionador, que muitas das vezes “adormeceu” na infância, onde a criança vive buscando saber o porquê de tudo; momento este em que a criança sente a necessidade de conhecer o espaço onde está inserido e o porquê de cada objeto ser de um jeito e não de outro.

Quando isto não é feito, privilegia-se um modelo de sociedade que amordaça o sujeito, o qual ensina que os questionamentos diários são inconvenientes e que a ordem das coisas são como são, pelo simples fato de ser. Acredita-se que para a Geografia esta não pode e nem deve ser a forma de se trabalhar em sala de aula, tendo em vista, que no estudo do espaço geográfico são exatamente as perguntas que movem a construção do conhecimento. O ensino de Geografia perpassa por várias fases da vida do aluno, logo os conteúdos trabalhados também vão sendo aprofundados, e com eles, as diferentes dinâmicas socio-territoriais em que estes estão inseridos tendem a serem desveladas. Analisar e compreender essas dinâmicas é de extrema relevância no processo ensino-aprendizagem, onde cada

aluno parte de realidades totalmente diferentes.

Compreender o lugar em que vive, permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender as coisas que ali acontecem. Nenhum lugar é neutro, pelo contrário, é repleto de história e com pessoas historicamente situadas num tempo e num espaço, que pode ser o recorte de um espaço maior, mas por hipótese alguma é isolado, independente[...] (CALLAI, 200: 84-85).

Desta forma ressalta-se, a importância de estimular no aluno o interesse em compreender as relações de poder que lhe envolvem, logo, este é um campo profícuo de análise geográfica, em que cabe ao professor provocar os alunos a realizarem a interpretação do espaço em que estão inseridos, o que fará, conseqüentemente, com que se tenha indivíduos questionadores da ordem dos fatos, buscando transformar a sua própria realidade. Parafraseando Caldart (2012: 342), “uma condição para a formação de contestadores ou de lutadores sociais é a sensibilização social”.

Assim sendo, acredita-se que a educação por sua vez, possa ser capaz de transformar os sujeitos, entretanto, faz-se necessário romper com este modelo de educação “pensada de cima para baixo”, que não possibilita ao aluno se perceber, enquanto sujeito modificador da sua própria realidade. Cabe aqui citar o que Freire (1984) há algum tempo atrás já escrevia sobre este modelo, onde afirmava que, “seria uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica” (FREIRE, 1984: 89).

O ensino de Geografia, historicamente vem sendo, majoritariamente, ministrado de forma tradicional, principalmente nos interiores do estado, fazendo com que este pouco ou nada sirva para o aluno analisar a sua própria realidade, isto é, basta decorar o que o professor repassa em suas aulas, para que na hora da prova esse mesmo aluno consiga obter uma pontuação que lhe possibilite passar de ano, isso muita das vezes vai acontecendo ano após ano, refletindo assim em pessoas que não conseguem fazer a leitura de um mapa, que não conseguem compreender minimamente as relações de poder existentes ao seu redor, onde mesmos inseridos em territórios de conflitos não conseguem se compreender enquanto classe, e muito menos, sobre quais são os interesses que circundam o seu território.

Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida,

construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). (CALLAI, 2005: 228).

Esta realidade se agrava principalmente pela falta de profissionais formados na própria área de Geografia dentro das escolas do campo, onde esse problema é mais comum, pois é visto como “natural” que um professor de História trabalhe com o ensino de Geografia e de Estudos Amazônicos, realidade esta vivenciada na escola Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonetto. Em alguns casos esse cenário também “é justificado” como argumento de falta de professores que queiram trabalhar nas escolas do campo ou simplesmente por brigas político-partidárias.

Em síntese, pode-se considerar que o ensino de Geografia passou por significativos avanços, que tem contribuído muito na construção de uma nova Geografia e de uma nova forma de ensinar, que leve em consideração a realidade dos próprios alunos, entretanto se analisa que ainda há muito a ser feito, para que de fato se tenha uma educação emancipatória para todos os sujeitos, em especial nas áreas interioranas do estado do Pará e demais estados do país. A educação só poderá ser libertadora quando for construída com os próprios sujeitos, quebrando-se o paradigma de que o aluno não tem nada a ensinar e que somente o professor terá voz em sala de aula.

Se aprende muito mais quando a escola abre as portas para a comunidade, isto é, quando a escola cria mecanismos capazes de despertar nos sujeitos a ideia de que a educação é uma ferramenta capaz de promover mudanças positivas para a comunidade, isto é, que a educação não pode e nem deve ser descartada no processo de lutas do território na qual está inserida. Daí a importância de se trabalhar a Geografia a partir das tendências progressistas, para que se possa perceber esta relação de forma direta, de modo que as teorias e a relação homem/natureza no processo de produção do espaço geográfico fiquem mais evidente aos sujeitos do campo.

O ato de ensinar Geografia atualmente é por si só um ato revolucionário, capaz de mostrar e demonstrar como as novas tecnologias tendem a contribuir no ensino-aprendizado da disciplina em questão. A busca por dinamizar o ensino desta ciência é recorrente, onde cada vez mais o professor desperte em seus alunos a busca constante por uma educação revolucionária, isto é proporcionar espaços para que professores e alunos possam dialogar, fazer análises de suas realidades, estabelecendo assim debates extraordinários acerca das diferentes teorias que circundam o ensino de Geografia e seus modos de vida, e como as próprias lutas traçadas dentro do seu território se interligam, de alguma forma, com outras lutas vivenciadas em outros espaços.

[...] assim, em todo o processo de ensino-aprendizagem os educadores devem se utilizar de instrumentos que

podem dinamizar suas atividades, como por exemplo, projetos de pesquisa e extensão, dramatização, produtos cartográficos, músicas, feiras, trabalho em grupo e o debate, que são considerados estratégicos no ensino [...] (SILVA, 2013:29).

Uma das estratégias que muito tem influenciado no campo das novas metodologias de ensino, é a própria valorização do acúmulo de conhecimento trazido pelo próprio aluno para dentro da sala de aula. Vale ressaltar que essa é uma das estratégias utilizadas nas turmas de pedagogia da alternância, onde comunidade e escola elaboram eixos temáticos que levam em consideração sua própria realidade e a partir disto cada professor deve aprimorar os seus conteúdos de forma que venha atender aos anseios dos alunos, abarcando assim um propósito educacional inclusivo.

Assim não há a possibilidade de distanciar a educação popular do campo do território camponês. A construção de uma educação pautada no tempo e no trabalho do campo, mais que levar em consideração o espaço geográfico em que esta comunidade está inserida, construindo ativamente um espaço e um tempo próprio, significa assumir a luta pela construção e manutenção do modo de vida, trabalho e produção do espaço camponês. Deste modo, a assunção do território pela educação popular do campo significa a luta política pela autonomia em relação aos modelos econômicos, políticos e sociais que buscam afirmar ou a submissão do campesinato à lógica da agroindústria moderna ou do seu desaparecimento (NETO; FILHO, 2017: 65).

Uma ferramenta que tem contribuído significativamente para os estudos dos territórios de comunidades tradicionais é a cartografia participativa, a exemplo das contribuições cartográficas realizadas no território quilombola de Jambuaçu, no qual foi realizado o trabalho de campo para o desenvolvimento do presente trabalho. Este território vem, desde a década 1970, sendo ameaçado por interesses econômicos, tanto por empresas nacionais como internacionais, e, uma das estratégias traçadas para se fazer o enfrentamento às instalações das vias do capital mineral e agrário, foi por meio do mapeamento do território, fazendo uso da cartografia participativa, com isto, destacaram o linhão de transmissão de energia, mineroduto e ainda um extenso plantio de dendê.

Dessa maneira, a atividade docente, na atualidade, tem que assumir novos métodos, metodologias, critérios de

ensino, que abordem e relacionem a teoria com a prática. Nesse sentido, verifica-se que é de fundamental importância o educador levar em consideração as experiências advindas dos próprios estudantes, analisando que o ensino de cartografia deve observar que os conteúdos selecionados, bem como a forma como eles são trabalhados, devem apresentar uma significação para os alunos, pois são informações que precisam contribuir para uma compreensão crítica do mundo [...] (da SILVA, 2013:18-19).

A cartografia participativa elaborada pelos quilombolas de Jambuaçu, em parceria com o Núcleo de altos estudos Amazônicos (NAEA); Escola de Aplicação e Faculdade de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará, serve para que cada quilombola se reconheça dentro das suas territorialidades e percebam, por meio de um mapa, como estão localizados os empreendimentos em seus territórios e assim consigam fazer uma análise aprofundada de como está acontecendo a perda de território para com isto perceber as perdas de seus direitos e costumes, onde muitos apontam esses empreendimentos como entraves, para o desenvolvimento cultural das comunidades, pois só analisando como essas relações se espacializam é que se conseguem pensar e planejar estratégias de resistências.

O território, pois, não se mostra como um mero dado, mas como uma construção histórica e social que se nutre de processos de aprendizagem. A territorialização diz respeito a um processo contínuo de produção, de vivência e de aprendizagem territorial. Esta, como componente importante no contexto das relações de poder multidimensional, consiste em um processo pedagógico de cunho político e geográfico, socioeconômico e cultural, de despertar coletivo, e de posicionamento no contexto das relações global e local [...] (ROCHA, 2016:17).

Desta forma destaca-se a relevância da cartografia dentro do ensino de Geografia, com isto, ampliando os campos de análise não somente dos alunos como também do educador, dentro de uma perspectiva tanto local como global. De acordo com Callai (200: 85) “tanto os livros didáticos, quanto as proposições de sala de aula exploram de variadas formas o estudo do lugar”, onde a Geografia passa a ter um posicionamento crítico no que se refere a ordem dos fatores, contribuindo assim na formação de cidadãos, quem busquem fazer enfrentamento contra toda e qualquer forma opressão.

Em síntese, o ensino de Geografia está conseguindo alcançar pilares cruciais para

o desenvolvimento dos sujeitos, sendo plausível as diferentes conquistas das camponesas e camponeses, que persistem lutando por uma educação emancipatória para todos, que respeite as diversidades culturais.

Educação do Campo e o Ensino de Geografia: o processo ensino-aprendizagem no ensino fundamental na Escola Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonetto, município de Moju – Pará

A discussão acerca da educação do campo vem ganhando espaço não somente no campo ideológico como também na prática, o que vem demonstrando um fortalecimento dos movimentos sociais do campo. Desta forma ressalta-se que este modelo de educação resulta de ações conjuntas entre movimentos sociais, onde camponesas e camponeses lutam por condições dignas de se reproduzirem socialmente, culturalmente e economicamente. Com isto, a busca pela afirmação de identidade é constante, pois a luta pelos seus territórios assim como a permanência nos mesmos é reflexo de uma organização dos povos tradicionais em defesa de seus territórios e de suas territorialidades.

Nesse sentido, compreendem-se a Educação como essencial no processo emancipatório das comunidades tradicionais, não bastando lutar somente pela terra, tornando-se crucial também a luta por educação de qualidade, que respeite todo o acúmulo de conhecimento adquirido pelo aluno em sua trajetória de vida.

[...] A verdadeira importância que a educação pode assumir está na sua intrínseca relação com a realidade socioterritorial concreta daquele que pretende formar. Somente um processo educativo ligado a essa realidade pode ser formador de sujeitos conscientes e transformadores do mundo onde vivem. (OLIVEIRA & HAGE, 2011:143-144).

De acordo com alguns autores (NETO, 2017; SOBREIRO, 2017; HAGE, 2011), a educação do campo vem representar o campo como um todo, onde as relações de trabalho, as manifestações culturais, modos de vida distintos são levados em consideração no processo ensino-aprendizagem, isto é, a metodologia de ensino é pensada de dentro para fora, o que se diferencia da educação tradicional a qual parte de cima para baixo, não respeitando a diversidade cultural dos alunos. Em síntese, a educação do campo está diretamente atrelada ao interesse e às necessidades das populações em se manter no campo, preservando suas tradições.

O ensino de geografia historicamente vem demonstrando a sua relevância para a análise da sociedade, pois possibilita aos sujeitos compreenderem o espaço em que estão inseridos a partir de uma visão teórico-metológica, assim sendo, as escolas do campo necessitam cada vez mais envolver os educandos em práticas de ensino que contribuam na organicidade política, cultural e econômica de suas

comunidades.

Neste contexto de reivindicações por uma educação do campo que abarque a realidade camponesa, surge a necessidade da construção/adaptação de espaços que atenda as demandas desses povos. Partindo desse princípio, surge a Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonetto, a qual é resultado das inúmeras reivindicações dos quilombolas de Jambuaçu, que desde o final da década 1970 estão perdendo o seu território para as empresas nacionais e multinacionais, as quais tem instalado seus projetos do agronegócio e mineral no território quilombola de Jambuaçu, tomando suas terras e causando impactos sociais, ambientais e culturais. A casa surge principalmente das pautas de reivindicações feitas à empresa multinacional Vale, nos anos 2000, por conta da instalação de um mineroduto, que tem como finalidade o transporte de bauxita de Paragominas para o município de Barcarena.

[...] a Companhia Vale do Rio Doce invadiu o território de Jambuaçu com seu projeto de mineração, com permissão e incentivo do Estado, rasgando nossas terras para implantar seus tubos e escoar a produção de Bauxita de Paragominas para Barcarena. Além disso, implantaram uma torre de transmissão de energia para subsidiar essa produção subtraindo mais outros mil hectares de terras do território de Jambuaçu. Esses grandes projetos causaram inúmeros crimes socioambientais [...] (SANTIAGO, 2018:57).

As reivindicações pela construção da escola parte do anseio das comunidades, que necessitavam de um espaço de formação voltada para o campo, que pudesse respeitar as especificidades vivenciadas no território quilombola de Jambuaçu, onde as práticas de ensino valorizassem o acúmulo de conhecimento adquirido no dia a dia, assim como seus costumes e crenças. A busca por um espaço de formação pode ser compreendido como estratégia para a permanência e manutenção do/no território, haja vista que a partir da instalação deste espaço, reduziria a migração da população para outros lugares em busca de formação, assim como o ensino voltado para a realidade local contribuiria para permanência dos sujeitos depois de formados, tendo em vista, que os mesmos se especializariam em técnicas para trabalhar na terra aumentando suas possibilidades de produção. A escola começou a ser construída na área da comunidade Nossa senhora das Graças, em 2005, sendo inaugurada em 2007, e seu funcionamento foi iniciado em 2008, atendendo alunos do ensino fundamental, na modalidade da pedagogia da alternância, em que o aluno passa um período na escola (Tempo-Escola) e outro na comunidade (Tempo-Comunidade) aplicando as técnicas adquiridas no tempo-escola.

A escola trabalhava com eixos temáticos a partir dos quais deveriam ser trabalhados os conteúdos, interligando-os à realidade local, os quais eram pensados em conjunto com os familiares dos alunos, ficando assim como

temáticas interdisciplinares, e cada professor tinha a responsabilidade de relacionar estas temáticas com os assuntos que eram abordados pela disciplina que era responsável.

Logo, a educação popular tem sua gênese na vida e na luta do povo, pois é no desafio de se organizar e de sobreviver à opressão que se forja a resistência cotidiana. Foi nesse sentido que as comunidades de Jambuaçu, por exemplo, mobilizaram-se em torno da construção da Casa Familiar Rural (CFR), visando a formação da juventude através da pedagogia da alternância que concilia os espaços e os tempos da formação escolar com os espaços e os tempos da produção material e imaterial da vida. (SARMENTO, 2018:83).

Partindo-se desse princípio, a Casa Familiar Rural em Jambuaçu é símbolo de resistência das comunidades que integram este território, sendo um espaço que surgiu das utopias coletivas. Lutar por educação de qualidade dentro das comunidades, significa lutar pela manutenção da vida, dos saberes ancestrais, em defesa das diversidades biológicas e culturais. É preservar toda a historicidade de um povo. Com isto, vale salientar que o território Quilombola de Jambuaçu abarca uma parcela das complexas disputas territoriais presentes na Amazônia, logo, este espaço tem papel crucial na formação de cidadãos críticos.

A construção da própria identidade é o lastro para a descentração espaço-temporal do sujeito cidadão. E a construção da identidade é, na verdade, a representação das diferenças do sujeito; são as suas marcas/sinais e a valorização de tais singularidades. Em outras palavras, a construção da identidade é a tomada de consciência de que eu sou diferente e por ser diferente é que existo e possuo valor social. O homogêneo não existe. São as diferenças que possibilitam os diálogos e as trocas, portanto o constante crescimento do sujeito. (CASTROGIOVANNI, 2000:13).

A partir desta análise do espaço em que a Casa Familiar Rural está inserida, torna-se necessário compreender o papel do educador de Geografia no processo ensino-aprendizagem, tendo em vista que o mesmo precisa ser pensado a partir das peculiaridades dos alunos, contribuindo assim na organicidade do território onde a escola está inserida. Para tanto, faz-se necessário profissionais que tenham formação na área de Geografia, assim como recursos didáticos disponíveis, para que seja realizado um bom trabalho. Entretanto esta não é a

atual realidade da Casa Familiar Padre Sergio Tonetto, a qual vem apresentando dificuldades tanto em relação aos recursos didáticos, quanto no que se refere a formação acadêmica do professor que ministra a disciplina, pois o mesmo é graduado e especialista em História. Quando perguntado a ele quais as dificuldades para ministrar as aulas de Geografia, informou que é “não ter a especialização na área; não ter materiais suficientes p/ produzir uma aula; não ter tempo suficiente p/ fazer projeto que ajudem no aprendizado dos educandos” (Professor A, 2018).

O professor informou que faz uso do livro didático, no entanto ele está desatualizado, pois o mesmo seria para trabalhar no período 2005 a 2007, conforme registrado no próprio livro, isto prejudica o desenvolvimento da análise geográfica, haja vista que as relações são mutáveis, assim como o espaço, entretanto este livro era o único disponível na escola para trabalhar com as turmas de 6º ao 9º ano. O professor demonstrou-se bastante preocupado com esta situação, e chegou a pedir materiais atualizados aos estagiários no momento que estava sendo desenvolvida a presente pesquisa.

As aulas de Geografia consistiam em leitura do livro didático, discussões da temática trabalhada e no final da aula aplicação de atividades. Muito pouco era relacionado à realidade dos alunos com o que estava sendo abordado, contudo quando isto era feito se observava uma participação mais significativa por parte dos alunos. A escola dispõe de laboratório de informática, sendo que o mesmo não era utilizado como recurso didático pelo professor, devido o mesmo não ter formação que lhe possibilitasse trabalhar neste espaço. O aparelho de data show também não era utilizado. Pode-se observar que há falta de tempo para um bom planejamento de aula, o que acaba por prejudicar os alunos e o professor acaba ficando condicionado pelo próprio sistema ao método tradicional de ensino.

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida.

A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem a ser a ciência. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. É urgente teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, portanto, viver em busca de seus interesses. (CASTROGIOVANNI, 2000:13).

Em síntese o processo de ensino de Geografia na Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonetto, ainda tem muito a melhorar para que de fato atenda às demandas locais, ficando exposto que, a sala de aula não pode ser vista somente como um espaço de trabalho pelo educador, mas também como espaço de formação social, onde o professor passa a ter um papel fundamental no crescimento intelectual, político e

social dos sujeitos. A educação continua sendo o melhor caminho para o enfrentamento ao modelo capitalista, pois ela muito contribui na organicidade das populações tanto do campo quanto da cidade.

Atualmente a estrutura física da escola apresenta-se bastante abalada, necessitando assim de reformas imediatas. Ainda assim, a escola está funcionando, não com a mesma intensidade de antes, e o público agora compreende também alunos 6º ao 9º, os quais retornam todos os dias para a sua casa. Em relação ao quadro de funcionários da escola é composto por 13 pessoas, entre técnicos administrativos, docentes, cozinheiras e vigias.

No que diz respeito ao ensino por meio da pedagogia da alternância, vêm sofrendo fortes alterações, pois já não se trabalha mais com os eixos temáticos, onde os professores possam basear-se, para trabalhar a realidade local. O quadro de professores da escola foi sendo modificado e, atualmente, a maioria é contratado, ficando somente uma professora que trabalha na escola desde 2008, com isso ressalta-se que o rodízio de professores na escola tem dificultado para que se estabeleça uma prática de ensino continuada.

O projeto político pedagógico da escola é de 2013, não abarcando assim o quadro atual da escola, entretanto não foi perceptível nenhuma iniciativa no que se refere a elaboração de um novo projeto para a escola ou ainda a atualização do já existente, pois já está evidente que os objetivos da escola precisam serem repensados e atualizados com a finalidade de atender às demandas atuais da população, logo a discussão com as comunidades que integram o território Quilombola de Jambuaçu torna-se indispensável.

Durante o trabalho de campo, realizado no decorrer da disciplina Estágio Docente I, era recorrente os convites feitos pelos técnicos administrativos da escola para que os estagiários realizassem atividades, com o intuito de reduzir o tempo ocioso dos alunos da pedagogia da alternância, pois era comum os mesmos estarem sem professor. Com isto, foi possível estabelecer diálogos acerca da educação do campo e da própria pedagogia da alternância, por meio de documentários, poesias e músicas. Estes momentos foram cruciais para que se compreendesse os anseios dos alunos no que se refere ao processo ensino-aprendizado na escola. A sala de aula é um lugar propício a construções de desconstruções, onde mesmo em um país em que o professor vem sofrendo desvalorização, ainda se encontram elementos que acendem a chama pela luta em prol de uma educação de qualidade para todos.

Partindo desse princípio, acredita-se que o ensino de Geografia precisa abarcar todos os sujeitos com suas diversidades sociais culturais e econômicas, logo a função do professor na atualidade é um tanto complexa, pois mesmo com as adversidades em seu meio de trabalho faz-se necessário que o educador esteja sempre buscando mecanismos para tornar o momento da aula, atraente para os alunos. Quais práticas são mais eficientes no ensino? Como despertar o interesse do aluno? Questionamentos como esses não são capazes de ser respondidos de fato, pois se for levado em conta a complexidade das mesmas, acaba-se por considerar que não existem fórmulas prontas para a eficiência do ensino de Geografia, pois as relações sociais vão se transformando e com elas novos espaço

também vão sendo (re)produzidos.

Desta forma, destaca-se a importância dos programas de educação voltados para a realidade do campo, onde os camponeses tenham a oportunidade de ingressar em uma universidade pública, buscando assim aprimorar seus conhecimentos para que mais tarde retorne para as suas comunidades fazendo valer seus direitos, ocupando os espaços nas escolas. Como exemplo tem-se o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) resultado das pautas de reivindicações dos movimentos sociais, que tem como objetivo formar pessoas do campo para atuarem no campo. Cabe aqui ressaltar que no ano de 2015 teve início na Faculdade de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará o curso de Geografia com ênfase em Desenvolvimento Territorial Rural (Licenciatura e Bacharelado), com 101 alunos divididos em duas turmas. A maioria deles estão concluindo a licenciatura no início do corrente ano.

Serão professoras e professores formados em Geografia, camponeses que retornarão para as suas comunidades com novas perspectivas e com um olhar diferenciado para a educação do campo e para o ensino de Geografia. Estes novos profissionais alimentam a utopia da classe trabalhadora pela democratização da educação, onde todos tenham acesso com qualidade e sem restrições. Com isto, é necessário que as comunidades pensem a educação coletivamente, onde professor, pais e alunos precisam dialogar na finalidade de buscar a organicidade coletiva para que se rompa com injustiças, assim como para a luta unificada que reivindique condições dignas de ensino, pois o professor não deve se calar e nem pode. O educador de Geografia cumpre papel crucial para esta organicidade, pois por meio da análise da realidade de cada lugar, consegue-se compreender as relações e dialogar coletivamente para que se quebre com este modelo educacional. Considera-se, a figura do professor de Geografia indispensável tanto no ambiente escolar como fora dele, para a construção de um mundo justo que respeite o tempo da natureza, respeitando assim a vida. Que as utopias permaneçam no coração de cada educador.

Considerando que as especificidades do espaço em que a escola está inserida devem ser levadas em consideração no ensino de Geografia, foi pensado um esquema (Ver Fig. 1, p. 16) que aponta alguns dos elementos considerados cruciais na abordagem do ensino de Geografia dentro da Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonetto. Estes elementos foram pensados a partir da realidade do território quilombola de Jambuaçu.

O desafio que está sendo proposto é o de explicar os assuntos a partir desses elementos, permitindo que o aluno compreenda que a sua realidade é parte de um todo, apesar das singularidades. Posteriormente, pode-se pedir aos alunos que elaborem um esquema semelhante a partir da realidade de suas comunidades, com esse mesmo propósito, e em seguida discutir os pontos abordados nos dois, apontando quais motivos levaram à inserção desses elementos, para depois disso realizar-se uma série de atividades que contemplem essas temáticas.



Figura 1. Elementos considerados essenciais a serem abordados no ensino de Geografia na Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonneto. Fonte: RIBEIRO, D. É. C.; BRITO, L. S. A. O Ensino de Geografia na Casa Familiar Rural Padre Sergio Tonneto no Município de Moju-Pará. UFPA, 2019.

Por meio desta atividade, busca-se não só contribuir com o ensino de Geografia, como ainda colaborar no processo de organização e resistência do território Quilombola de Jambuaçu, tendo em vista que são elementos emblemáticos, principalmente no que se refere a intervenção do capital neste espaço e às lutas pela garantia de suas relações de identidade. Provocar essas discussões no ambiente escolar, refletirá em sujeitos mais críticos e com mais embasamento para se fazer o enfrentamento necessários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se, por meio do presente artigo que a educação do campo resulta de lutas coletivas, traçadas dentro de diferentes territórios, mas que tem objetivos comuns a reivindicação de políticas públicas que atenda às suas especificidades. A busca por um modelo de educação libertário, que possibilite fazer uma análise crítica da ordem dos fatores apresentados na sociedade, onde a compreensão das

relações de poder é indispensável.

A educação do campo é construída junto com os próprios camponeses e camponesas, considerando assim suas singularidades, entretanto ainda se encontra muita resistência por parte dos governantes no que se refere a aplicação das metodologias que configuram a educação do campo, pois, quando o estado não disponibiliza estruturas, formação e pessoas que compreendam os pilares da educação do campo para estarem atuando diretamente com as comunidades, ele se torna responsável pela precarização da educação do campo.

A comunidade também deve ser responsável pela educação nas escolas, buscando sempre dialogar sobre os aprimoramentos e as formas de ensino no campo, cabendo assim um diálogo permanente, entre comunidade e escola, onde o objetivo seja a construção de métodos capazes de abarcar a todos, aumentando assim o interesse do aluno pelos conteúdos e pela própria escola. A educação só será libertadora quando todos encararem como primordial para construção e libertação dos sujeitos.

O processo de ensino aprendizagem de Geografia é crucial para com a sociedade, entretanto na Casa Rural tem sido reproduzido um ensino pensado para a realidade urbana, onde não consegue relacionar o cotidiano dos alunos com o conteúdo que está sendo trabalhado em sala de aula. Com isto, faz-se necessário repensar os métodos, para que de fato a Geografia cumpra o seu papel social dentro do território Quilombola de Jambuaçu, buscando assim contribuir na organização socioespacial e política do mesmo.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. Cad. Cedes, Campinas, Vol. 25, n. 66, p. 227- 247, maio/ago. 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do movimento Sem Terra**. São Paulo: Expressão popular, 2012.

CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. IN: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000: 83-164.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. IN: Antônio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; KAERCHER, Nestor André. **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000 (11-79).

CAVALCANTI, Lana de Souza. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012. p. 45 – 47.

FREIRE, Paulo. **Ação cultura para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984.

NETO, Adolfo; FILHO José,. Pode o território educar? Território e a rede temática da educação popular do campo em uma prática educativa na Amazônia ribeirinha. IN: SILVA, Christian Nunes da; LIMA; Ricardo Ângelo Pereira de, SILVA, João Marcio Palheta da. **Territórios, ordenamentos e representações na Amazônia**. 1º ed. Belém: GAPTA, 2017 (59-74).

OLIVEIRA, Lorena Maria Mourão de; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. A Socioterritorialidade da Amazônia e as Políticas de Educação do Campo. **A Educação**, Vol.2, n.12, p. 141- 158, jan/jun.2011 Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.com.br>

ROCHA, Gilberto de Miranda. Aprendizagem territorial. IN. ROCHA, Gilberto de Miranda; SOBRINHO, Mário Vasconcellos; Teisserenc, Pierre. **Aprendizagem territorial: dinâmicas territoriais, participação social e ação local**. Belém: NUMA/UFPA, 2016 (09-22).

SANTIAGO, John Cleber Sarmiento. Comunidades Quilombolas de Jambuaçu, Moju-PA, **Contra as Agroestratégias do Capital: Juventude e Territórios de Re-existências**. (Dissertação de Mestrado).2018, Unb/Brasília.

Contato com o autor: Dayane Érica Cardoso Ribeiro <dayaneerica23@gmail.com>

Recebido em: 25/03/2020

Aprovado em: 11/09/2020